

Escola da Fé - 2018/2019 - 12 abril de 2019

7º Encontro

Os Livros Sapienciais - A Sabedoria de Israel

1. Uma parte consistente da nossa Bíblia é constituída pelos Livros Sapienciais, colocados a seguir ao Pentateuco e aos Livros Históricos, antes dos Livros Proféticos. São sete os "Livros Sapienciais" : Job, Salmos, Provérbios, Eclesiastes (Coelet), Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Ben Sirá (Eclesiástico). Antes de uma breve informação sobre cada um., vejamos o lugar que ocupa a sapiência na vida do Povo de Israel e na progressiva revelação divina, até Jesus.
2. A busca da sabedoria é comum a todas as civilizações antigas do Médio Oriente, do Egito à Mesopotâmia, passando pela Grécia, berço da "filosofia" ("amor da sabedoria"). Na revelação bíblica, a Palavra de Deus assume também a forma de sabedoria, entendida como luz de Deus para iluminar os caminhos do homem. A Sabedoria divina existe desde toda a eternidade e esteve presente na obra da criação: "quando Deus consolidava os céus... estava a seu lado como arquiteto" (Prov 8, 22-31). A Sabedoria edificou uma casa e preparou um banquete: "Vinde comer do meu pão e beber do meu vinho. Deixai a insensatez e vivereis" (Prov 9, 1-6).
3. Salomão é considerado, no Antigo Testamento, o Sábio, por excelência: "Deus concedeu a Salomão sabedoria e inteligência extraordinárias, bem como uma vasta visão de espírito" (1 Re 5,9). Foi o dom que ele pediu a Deus na oração: "um coração cheio de entendimento para governar o teu povo, para discernir entre o bem e o mal". Agradou a Deus esta súplica. "Dou-te um coração sábio e esclarecido" (1 Re 3, 9-12). A rainha de Sabá veio a Jerusalém, atraída pela fama de Salomão, como lembra Jesus ("maior do que Salomão"), em polémica com os doutores da Lei e fariseus (Mt 12, 42).
4. A dimensão sapiencial atravessa toda a história do povo de Israel, mas acentua-se a partir do Exílio, sobretudo nos últimos séculos antes de Cristo, em contacto e diálogo com as expressões sapienciais dos outros povos com que estava em contacto. Isto é evidente sobretudo nos Livros de Coelet, Provérbios e Sabedoria. Aparte um certo número de Salmos, que remontarão aos tempos de David, e certos provérbios e reflexões que poderão inspirar-se no ambiente da corte de Salomão, os livros sapienciais que temos foram

sendo compilados a partir do Exílio e ganham a sua forma definitiva nos séculos II-I AC.

5. No conjunto do Antigo Testamento (como observa a Difusora Bíblica), “os Livros Sapienciais formam um mundo à parte, caracterizado pela fé na sabedoria divina que rege o universo e cada pessoa em particular. O centro de interesse e de atenção desloca-se do povo, como tal, para o indivíduo; da História, para a vida quotidiana; da situação peculiar de Israel, para a condição humana universal; das vicissitudes históricas do povo da Aliança, para a existência no mundo enigmático da criação; das intervenções prodigiosas de Deus, para as relações entre causa e efeito; da esfera da Lei e do culto, para o mundo das opções livres e da iniciativa pessoal; da autoridade de Deus, para a esfera da experiência e da tradição humana; dos oráculos dos profetas, proclamados como palavra de Deus, para o uso de todos os recursos da razão e da prudência, para orientar a própria vida; da imposição da Lei, para a força persuasiva do conselho e da exortação. A sabedoria surge a partir de baixo, da experiência humana”.
6. O **Livro de Job** propõe uma reflexão sobre a questão do mal, a partir da personagem de um crente sobre o qual se abateu a desgraça, um persistente infortúnio. Recebe a visita de três amigos. Vindos para o reconfortar, lançam-se num vasto debate: pode a desgraça atingir um inocente? Como é que Deus permite isso? É Deus que faz sofrer? No final, Deus toma a palavra e dirige-se a Job. Contudo, em vez de dar resposta às suas lancinantes interrogações, coloca mais algumas. Livro que terá sido escrito por um sábio israelita, depois do exílio de Babilónia, no séc. V AC, a partir de um velho conto em que Job se submete a Deus, sem se queixar (Job 1-2).
7. Embora incluído entre os Livros Sapienciais, a colectânea dos 150 **Salmos** é constituído por textos poéticos e cânticos destinados à oração. A tradição atribui os Salmos a David, ao qual seguramente remonta um certo número. Todos eles têm em comum o facto de serem expressão de vivência espiritual e religiosa. Distinguem-se contudo vários tipos : 1. Salmos de louvor ou hinos, utilizados na liturgia das festas. 2. Salmos individuais de súplica, confiança ou ação de graças. São os mais numerosos. Incluem os Salmos penitenciais. 3. Salmos coletivos de súplica, confiança ou ação de graças. 4. Salmos reais (tendo como tema a função exercida pelos reis na comunidade). 5. Salmos didáticos: sapienciais (de meditação); históricos; proféticos; rituais.

8. O **Livro dos Provérbios** é o mais representativo documento da literatura sapiencial de Israel. Antologia de coleções heterogêneas, de origens e datas diferentes, do séc. X ao séc. V AC. Ensina a arte de bem viver, pondo em relevo a preocupação pelos simples, especialmente os jovens inexperientes, procurando inculcar-lhes uma personalidade firme, guiada pela sabedoria e piedade filial, evitando a preguiça, o vinho, as más companhias, as mulheres de má vida, os desmandos da língua, a iniquidade. O "temor do Senhor", princípio e coroamento da sabedoria, aparece como chave e fio condutor.
9. O **Livro de Coélet** [Eclesiastes] é considerado um dos mais belos do AT e mesmo um dos grandes textos da literatura universal. Especialmente conhecido o capítulo 3, que contém a famosa meditação sobre o tempo oportuno para cada coisa na vida. Texto surpreendente e desconcertante, para um crente, pelo tom pessimista e mesmo céptico, que põe de lado todo o idealismo consolatório, preferindo a realidade nua e crua. "Tudo é vaidade", vácuo. A história nada traz de novo. Como o Livro de Job, aborda o problema da retribuição do bem e do mal e denuncia o absurdo da morte a coroar a existência de todas as criaturas, ricos e pobres, sábios e insensatos.
10. O título do **Cântico dos Cânticos** representa, em hebraico, uma fórmula de superlativo. Significa "o mais belo dos cânticos". É um breve poema de amor, um cântico nupcial, como outros existentes nas culturas e literaturas do Médio Oriente. Sempre lhe foi atribuído um significado religioso, como uma alegoria em que o Amado é Deus (ou o Messias) e a Amada é Israel (ou a Igreja). Este facto explica a inclusão deste Livro na própria Bíblia hebraica, no séc I.
11. Com o **Livro da Sabedoria** encontramos-nos no fim do AT, num momento fundamental do diálogo entre o judaísmo e a cultura grega. Um bom predecessor do NT. Não consta da Bíblia hebraica e foi rejeitado também pelas Igrejas protestantes. Aparece com destaque a personificação da Sabedoria divina. Sublinha-se a retribuição ultraterrena dos justos. O autor revela profundo conhecimento tanto da Bíblia hebraica como da vida cultural helenística.
12. O **Livro de Ben Sirá** é designado também com o nome de "Eclesiástico" (= "o livro da Igreja"), dado o amplo uso que dele fazia a Igreja. Também no judaísmo foi muito usado e comentado, apesar de não estar incluído na Bíblia hebraica. A própria Igreja hesitou em integrá-lo na sua lista dos livros inspirados. Data da última fase do judaísmo, tempos de cerrado confronto

com o helenismo que dominava toda a bacia do Mediterrâneo. Ben Sirá assimila o que é compatível com a sua fé, rejeitando o que se opõe à essência da religião judaica. Cita outros livros do AT. Efetua uma síntese da religião tradicional e da sabedoria comum, à luz da sua própria experiência. A afirmação mais inovadora de Ben Sirá é a identificação entre a sabedoria e a Lei de Deus, assim como a inserção da História no género sapiencial.